

Quando era dez anos mais novo do que sou hoje, arranjei um trabalho muito agradável, em que tinha a função de percorrer os campos e as aldeias para recolher canções populares. Passei todo o verão a deambular por aqueles arrozais inundados pelo brilho do Sol, qual pardal que vai esvoaçando ao acaso. Gostava de beber o chá amargo dos camponeses, e retirava-o à vontade das bacias que deixavam junto às árvores. Enchia o meu bule e trocava umas quantas palavras soltas com os homens que trabalhavam a terra, passando depois com alegria por entre as raparigas que riam e cochichavam sobre mim. Uma vez, passei uma tarde na conversa com um velho que tomava conta de um campo de melões, e foi o dia em que comi mais melão em toda a minha vida. Ao levantar-me para as despedidas, apercebi-me de que tinha tantas dificuldades em caminhar como uma grávida. Depois, sentei-me junto a uma avó, na soleira da sua porta, e ouvi-a cantar a canção “As Dez Luas da Gravidez” enquanto tecia um par de sapatos de palha. O momento que eu mais apreciava era o final da tarde. Sentava-me à entrada das casas dos camponeses e via as pessoas a carregar água do poço para a atirar para o chão, de maneira que a poeira pousasse. Depois, por entre os últimos raios de sol que perfuravam as árvores, refrescava-me com um leque enquanto provava aqueles pratos salgados e observava as raparigas a conversarem com os rapazes.

Trazia sempre um grande chapéu de palha na cabeça e umas sandálias nos pés. Prendia uma toalha no cinto, nas minhas costas, que abanava como a cauda de um animal enquanto caminhava. Passava

o dia a bocejar e a andar vagorosamente pelos carreiros estreitos que separavam os arrozais, com as sandálias num ruidoso *pada pada*, a levantar tanto pó que mais pareciam rodas de um carro.

Caminhava por onde me apetecia e, a certo ponto, já não sabia que aldeias tinha visitado e quais as que ainda não conhecia. Muitas vezes, ao aproximar-me de uma povoação, ouvia os miúdos gritar:

“Vem aí outra vez o homem dos bocejos!”

As pessoas da aldeia ficavam a saber que estava de volta aquele homem que contava histórias brejeiras e cantava canções de amor. Mas, na verdade, foi com os camponeses que aprendi todas essas histórias e canções, e já sabia o que os interessava, que naturalmente me interessava a mim também. Uma vez, cruzei-me com um velho que chorava. Estava sentado junto ao arrozal com a cara inchada, numa profunda angústia e agitação. Vendo-me chegar, levantou a cabeça e chorou de forma ainda mais ruidosa. Perguntei-lhe quem lhe tinha batido e, enquanto raspava a lama das calças com as pontas dos dedos, respondeu em fúria que tinha sido o seu filho desnaturado. Quando lhe perguntei porquê, hesitou um pouco e disse que não sabia a razão, e percebi logo que tinha havido confusão com a nora. Houve também uma noite em que, enquanto caminhava de lanterna em riste, avistei dois corpos despidos junto a um charco. Um dos corpos pressionava o outro, mas ao serem iluminados não se viu qualquer movimento, apenas uma mão a coçar levemente uma perna, e desliguei a lanterna assim que percebi o que se passava. Um dia, à hora de almoço, durante uma fase de intenso trabalho nos campos, entrei numa casa com a porta aberta em busca de água. Um homem, vestido apenas com uns calções, bloqueou-me a passagem com uma expressão de perplexidade e em seguida conduziu-me ao poço e encheu um balde de água para mim, correndo depois de volta para casa com a rapidez de um rato. Assisti a inúmeras situações deste tipo, tantas como as canções que por ali escutei e, ao olhar para o manto verde que cobria aquelas terras, percebia porque eram elas tão férteis e luxuriantes.

Durante aquele verão, por pouco não me meti num namoro. Conheci uma rapariga muito agradável, tanto ao espírito como à vista, e o seu rosto moreno ainda hoje brilha nos meus olhos. No momento em que a vi, ela estava de calças arregaçadas sentada nas ervas à beira do rio, e agitava uma cana de bambu de um lado para o outro enquanto

cuidava de um bando de patos carnudos. Esta miúda tímida, de dezasseis ou dezassete anos, passou comigo uma tarde muito quente. Sempre que mostrava o seu sorriso, baixava de imediato a cabeça, e eu ficava a vê-la a baixar discretamente as dobras das calças e a tentar esconder os pés descalços por entre a erva. Passei a tarde a falar sobre o que me passasse pela cabeça e disse que a levaria comigo em grandes viagens, o que a deixou surpreendida e contente. Fui invadido por um enorme entusiasmo e era sincero no que lhe dizia. Sentia-me muito feliz ao seu lado e não ponderei no que se passaria depois. No entanto, quando mais tarde vi os seus três irmãos, todos robustos como bois, a caminhar na nossa direção, apanhei um valente susto, e pensei que o melhor seria correr dali para fora pois, caso contrário, ainda me obrigavam a casar.

Foi no momento em que a primavera deu lugar ao verão que conheci o velho Fugui. Pus-me à sombra de uma enorme e viçosa árvore, rodeada por campos onde o algodão já tinha sido colhido e algumas mulheres, de lenço na cabeça, o iam empilhando, com rabos que tremiam sempre que sacudiam a terra das raízes das plantas. Tirei o chapéu de palha e peguei na toalha que trazia presa ao cinto para limpar o suor da cara. Ao meu lado havia um charco, que refletia o amarelo do Sol, e sentei-me virado para lá, encostado ao tronco da árvore. Em pouco tempo, senti-me dominado pelo sono e estendi-me na erva à sombra da árvore, com a cabeça pousada na mochila e o chapéu de palha sobre a face.

Assim, com menos dez anos do que tenho hoje, dormi duas horas sobre a erva e debaixo das folhas da árvore. Pelo meio, várias formigas subiram para as minhas pernas, e, enquanto dormia, afastava-as com os dedos. A certa altura, um velho que se apoiava numa cana começou a gritar ao longe, como se estivesse à beira de água. Fui arrancado do sono e, já desperto, ouvia com nitidez aqueles berros. Depois de me levantar, vi num terreno próximo este velho a dirigir um velho boi.

O boi, que puxava o arado, parecia já exausto, e estava então quieto e de cabeça baixa. O velho, que vinha atrás a segurar o arado de tronco nu, não estava nada satisfeito com aquela atitude, e gritou numa voz forte:

“Os bois puxam o arado, os cães guardam a casa, os monges pedem arroz, os galos anunciam o amanhecer e as mulheres costumam

a roupa... Que raio de boi é este que não puxa o arado? É assim desde os tempos antigos. Anda, vamos!”

Depois de ouvir os gritos do velho, o boi levantou a cabeça, como que assumindo o seu erro, e começou a avançar, puxando o arado.

As costas do velho estavam tão enegrecidas como as do boi, e os dois, que se aproximavam já do ocaso das suas vidas, faziam a terra rija revolver-se, levantando como que pequenas ondas. Pouco depois, ouvi a voz rouca mas comovente do velho a cantar uma canção antiga. No início cantarolava apenas *iala iala*, mas a seguir cantou dois versos:

O Imperador queria-me para seu genro;
Mas o caminho é longo e decidi não ir.

Era a história de um homem que, como morava longe, não aceitou casar com a filha do imperador. A satisfação com que o velho cantava deixou-me com um sorriso na cara. Depois, talvez porque o boi estivesse a abrandar o passo, o velho recomeçou a berrar:

“*Erxi, Youqing*, não sejam preguiçosos. A *Jiazhen* e a *Fengxia* estão a trabalhar bem, e o *Kugen* também não se tem saído mal.”

Quantos nomes tinha afinal aquele boi? Imbuído pela curiosidade, decidi aproximar-me daquele terreno e perguntei ao velho, que vinha na minha direção:

“Este boi tem quantos nomes?”

O velho parou o passo e segurou o arado. Olhou-me de cima a baixo e perguntou:

“Tu és da cidade?”

“Sim.” Acenei com a cabeça.

O velho ficou satisfeito consigo: “Olhei uma vez e percebi logo.”

Perguntei-lhe: “Afinal, este boi tem quantos nomes?”

O velho respondeu: “O boi chama-se *Fugui*, só tem esse nome.”

“Mas ainda agora te ouvi gritar vários nomes diferentes.”

“Ah!” O velho ria de forma bem-disposta. Acenou com a mão, com uma expressão de intriga, e eu aproximei-me, mas quando se preparava para começar a falar, reparou que o boi estava a levantar a cabeça. Repreendeu-o, exclamando:

“Não sejas bisbilhoteiro, baixa a cabeça!”

O boi seguiu a ordem, e o velho disse num tom discreto:

“Não quero que ele perceba que é o único a lavrar a terra, e assim chamo por vários nomes para o aldrabar. Como pensa que há por aqui outros bois a puxar o arado, não se sente triste e trabalha com mais energia.”

O rosto enegrecido do velho ria de forma vívida, o que fazia vibrar as suas profundas rugas que, cheias de terra, lembravam os estreitos carreiros que contornavam os arrozais.

Ele sentou-se comigo junto à grande árvore e, debaixo do sol daquela tarde, contou-me a sua história.



Há quarenta anos, o meu pai andava todos os dias por aqui. Sempre vestido com seda preta e com as mãos por trás das costas, saía de casa e dizia à minha mãe:

“Vou dar uma volta pelas minhas terras.”

Passeava pelos terrenos que lhe pertenciam, e os rendeiros que por ali trabalhavam seguravam a enxada com as duas mãos e diziam com respeito:

“Laoye!”

Quando ia à cidade, as pessoas que se cruzavam com ele tratavam-no também por “Laoye”. Era uma pessoa com grande estatuto, mas não se distinguia dos pobres quando chegava a hora de cagar. Ele não gostava de cagar em casa, na bacia junto à cama, e preferia fazê-lo ao ar livre, como os animais. No momento em que se aproximava a noite, soltava um arrote, que lembrava uma rã, saía de casa e ia calmamente até à fossa da entrada da aldeia.

Ao chegar às latrinas, não se sentava, pois tinha medo de que estivessem sujas, e acocorava-se lá em cima. Como estava velho, o cocó já não saía com facilidade, e todos ouvíamos então os seus gemidos vindos da entrada da aldeia.

Ele cagou assim durante décadas e, já depois dos sessenta anos, ainda conseguia aguentar-se lá em cima bastante tempo, com aquelas duas pernas fortes como garras de galinha. Ele gostava de ver o céu escurecer lentamente e o breu envolver as suas terras. Quando a minha filha Fengxia tinha três ou quatro anos, costumava correr atrás do meu pai para o ver a cagar. As pernas dele tre-